



MEGAESÔFAGO EM CADELA DE TRÊS MESES DE IDADE: RETATO DE CASO

Gustavo Duarte Cardoso Sampaio^{1*}, Lucas Belchior Souza de Oliveira²

¹Discente no Curso de Medicina Veterinária – Centro Universitário de Belo Horizonte - UniBH – Belo Horizonte/MG – Brasil *Contato: gustavoduartecardoso@yahoo.com.br

²Docente do Curso de Medicina Veterinária – Centro Universitário de Belo Horizonte - UniBH – Belo Horizonte/MG – Brasil

INTRODUÇÃO

O megaesôfago é uma enfermidade que pode se apresentar de forma congênita ou adquirida (primária ou secundária)¹. A patogenia da forma congênita ainda não está totalmente elucidada, porém alguns estudos demonstram a associação de um defeito na inervação vagal para o esôfago⁵. A forma adquirida normalmente ocorre na idade adulta e pode ser idiopática⁴. A patogenia cursa pela presença de hipomotilidade e consequente dilatação esofágica¹. Porém não se sabe ao certo o que leva a atonia esofágica e por consequência o megaesôfago². Os sinais clínicos da doença são caracterizados pela regurgitação de alimento e água, perda de peso ou crescimento insuficiente, hiper salivação e som de borbulhas na deglutição⁶.

O objetivo deste relato de caso é a descrição do diagnóstico de megaesôfago de uma cadela filhote.

RELATO DE CASO E DISCUSSÃO

No dia 16/11/2023 foi solicitado a equipe da CedimVet para realizar um esofagograma em uma paciente canina, fêmea, filhote (três meses de idade) com histórico de regurgitação ao se alimentar, apresentando angústia respiratória e escore de condição corporal 2, em escala de 5. Notou-se ainda um aumento de volume em toda a porção cervical do paciente. Após a anamnese e o exame clínico, a principal suspeita era a de megaesôfago. Desta forma, o esofagograma foi realizado com 10ml de Sulfato de Bário, por via oral, respeitando o peso do animal.

Considerando que a paciente apresentou estase do contraste radiológico em topografia esofágica após alguns minutos da administração oral do fármaco, dilatação esofágica e posteriormente iniciou os episódios de regurgitação, confirmou-se através do exame de imagem o diagnóstico de Megaesôfago. Além disso a paciente apresentava hiperfagia seguida de disfagia e consequentemente perda de peso progressiva (Escore de Condição Corporal 2/5), correlacionando com trabalhos já descritos na literatura³.

Nas imagens radiológicas abaixo é possível observar que o esôfago se encontra bastante dilatado, comprimindo a traqueia e a silhueta cardíaca. Além do estômago repleto de ar (aerofagia) (Figura 1 e 2). Ainda assim, logo após a administração do contraste, nota-se a estase do fármaco em região de esôfago na sua porção torácica (Figura 2 e 3). Porém, após cinco minutos da administração, o fármaco retornou para o esôfago causando um refluxo (Figura 5 e 6).



Figura 1 e 2: Radiografia em projeções LLD (latero-lateral direito) e VD (ventro-dorsal) sem o contraste (Fonte: Arquivo pessoal).



Figura 3 e 4: Radiografia em projeções LLD (latero-lateral direito) e VD (ventro-dorsal) logo após a administração do contraste (Fonte: Arquivo pessoal).



Figura 5 e 6: Radiografia em projeções LLD (latero-lateral direito) e VD (ventro-dorsal) após cinco minutos da administração de contraste (Fonte: Arquivo pessoal).

Como descrito neste relato e corroborando com a literatura científica, o diagnóstico do megaesôfago é realizado com base na anamnese, nos sinais clínicos e exames de imagem, principalmente radiografia contrastada de região de tórax, que evidenciará dilatação esofágica^{3,7}. Além disso, as raças de cães como Pastor-alemão, Labrador, Golden Retriever, Setter Irlandês, Greyhound, Shar-pei e Dogue-alemão apresentam maior predisposição para o desenvolvimento de megaesôfago congênito⁹. O tratamento do megaesôfago é de suporte, diminuindo os riscos de dilatação e aspiração de conteúdo alimentar. Sendo assim, o animal deve ser alimentado com dieta pastosa, em uma plataforma mais elevada de maneira que o paciente fique em estação, com apoio dos membros posteriores, fazendo com que a gravidade auxilie a passagem do alimento através do esôfago para o estômago⁸. Esta posição deverá ser mantida por 10 minutos após a alimentação. Além disso, é importante oferecer várias porções ao dia para diminuir as chances de regurgitação, pois evita a retenção de alimento no esôfago⁸. Há a possibilidade em conjunto, o uso de procinético para estimular o peristaltismo esofágico⁵. Portanto, o prognóstico da enfermidade em questão é reservado, pois não há um tratamento definitivo para a resolução da patologia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos fatos relatados, conclui-se que, apesar da maior casuística em animais adultos, o megaesôfago não pode ser descartado em cães filhotes e jovens, sendo importante ressaltar que, alguns aspectos sobre a etiopatogenia do megaesôfago ainda não são totalmente explicados. Porém, é de responsabilidade do clínico avaliar as necessidades de cada paciente para conduzir as melhores decisões terapêuticas.

XIV Colóquio Técnico Científico de Saúde Única, Ciências Agrárias e Meio Ambiente



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CHARLES, H. V. **Small animal critical care medicine** (Silverstein D and Hopper K, eds), 2nd ed. Philadelphia, USA: W.B. Saunders, 2015. p. 442-447.
2. NELSON, R. et al. **Medicina interna de pequenos animais**. Elsevier Brasil, 2015.
3. MINUZZO, T. et al. **Megaesôfago congênito em um cão**. Pubvet, v. 15, p. 188, 2020.
4. KOZU, F. et al. **Doenças do Trato Digestório: Doenças do esôfago. 2** In: Jérico, M.M.; Andrade, J.P.; Kogika, M.M. **Tratado de Medicina Interna de cães e gatos**, 3 1ª edição, Rio de Janeiro: Roca, 2015 p. 2933-2941.
5. WASHABAU, R. J. **Doenças do esôfago**. In: ETTINGER, S. J.; FELDMAN, E. C. **Tratado de medicina interna veterinária: doenças do cão e gato**. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2014.
6. SILVA, P.J.L. **Tratamento de megaesôfago em cão: Relato de caso**. Universidade de Rio Verde, Rio Verde: 2019
7. GONÇALVES; V. A. **Terapia neural no tratamento de megaesôfago congênito em cão**. Pubvet Radiologia Abdominal para o Clínico de Pequenos Animais. São Paulo: Roca, 2019. p 69-72
8. TANAKA, N.M., et al. **Megaesôfago em cães**. Rev. Acad. Ciênc. Agrár. Ambient., Curitiba: v. 8, n. 3, p.271-279, jul./set. 2010.
9. JERICÓ, M. et al. **Tratado de medicina interna de cães e gatos**. 1. ed. Rio de Janeiro: Roca, 2015.

APOIO:

